



# Lisboa

José Cardoso Pires

# cidade navegante

Autor de vulto no panorama da ficção portuguesa mais recente, José Cardoso Pires é, também, um profundo conhecedor de Lisboa e um dos seus mais brilhantes contadores de histórias. A convite da *Atlantis*, aceitou, uma vez mais, escrever sobre Lisboa e desvendar-lhe a alma, só em parte, já que a *Cidade Navegante* só murmura e apenas os iniciados podem ouvi-la...

Siga as pistas de Cardoso Pires e depois conheça-a de perto e perca-se no seu encantamento...

fotografia Jorge Barros

## Breve Biografia

Formado em Matemáticas Superiores pela Faculdade de Ciências, José Cardoso Pires (1925) foi director literário de várias editoras e director adjunto do Diário de Lisboa (1974-75). Foi Leitor de Literatura Portuguesa no King's College (1969-71) tendo aí regressado como "Resident Writer", dez anos mais tarde, a convite da Universidade de Londres. De então para cá tem-se dedicado exclusivamente à escrita.

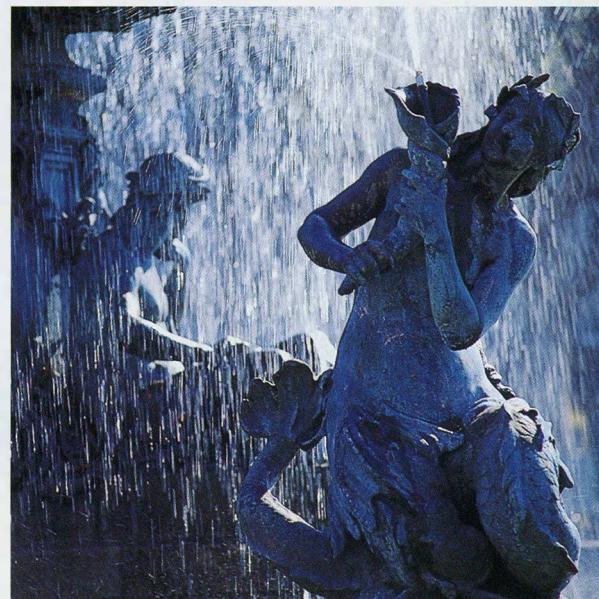
Entre outras obras, destacamos Os Camilheiros e Outros Contos (1949), Jogos de Azar (1963), O Delfim (1968), Balada da Praia dos Cães (1982) e, nas suas crónicas/memórias De Profundis, Valsa Lenta (1997) e Lisboa, Livro de Bordo (1997).



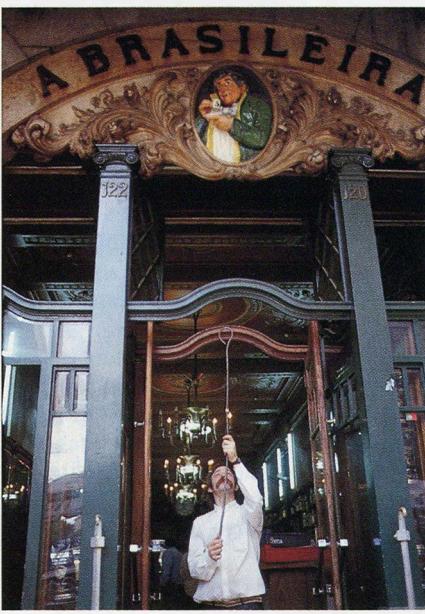
2



3



4



5

1. Os cacilheiros continuam a ser um dos transportes ideais para a travessia do Tejo

Cacilheiros continue to be one of the ideal forms of transport for crossing the Tagus

- 2., 3. Pormenores de calçada junto ao Padrão dos Descobrimentos, em Belém
- Details of the cobblestones next to the monument to the Discoveries in Belém

Deputy of the Discoveries in Belém

4. Pormenor de fonte, Rossio
- Detail of Rossio's fountain

5. Café Brasileira, Chiado

**N**a Lisboa da minha infância desfilavam delfins pelo rio Tejo abajo. Em ondulações compassadas, iam a caminho dos oceanos para bailar, dizia a lenda, à volta dos navegadores portugueses de há cinco séculos que andavam à flor da água, empunhando crucifixos luminosos, nos lugares onde tinham naufragado as suas naus carregadas de ouro e de escravos.

Hoje Lisboa já não é bordejada por delfins. A poluição do rio afastou-os para longe, mas podemos vê-los em esculturas ou em baixos-relevos nos chafarizes da cidade velha, nos jardins e nos parques públicos, no largo do Rossio, que durante mais de cem anos foi praça de tertúlias de poetas e de conspiradores, ou na Alameda Afonso Henriques onde hoje têm lugar as grandes concentrações políticas. Vêmo-los sobretudo em desenhos pontuados pedra a pedra na brancura do pavimento das ruas como se fossem tatuagens do corpo dum marinheiro adormecido.

Nessa renda de empedrados artísticos que vamos percorrendo com os nossos passos há também figuras de sereias, de bússolas e astrolábios, de âncoras, tritões e outros símbolos dos mares, até à colorida rosa-dos-

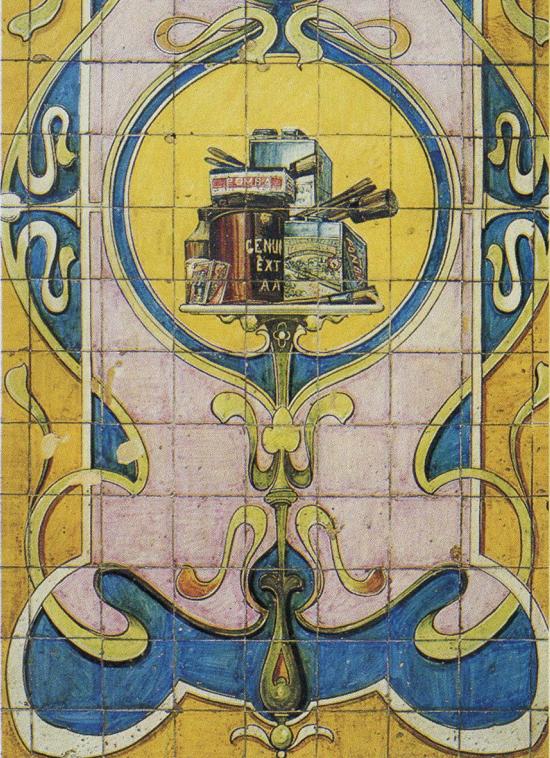
-ventos da beira-Tejo, frente ao admirável Mosteiro dos Jerónimos onde ajoelhou o almirante Vasco da Gama antes de partir para a descoberta do Caminho Marítimo para a Índia.

Capital de Ulisses, cais da Europa ou porta para o Atlântico, Lisboa, vista dos miradouros das suas colinas, aparece pousada sobre um Tejo que, mais que rio, nos surge como um mar e um convite a apontar aos oceanos. É uma cidade ancorada, essa que se abre a nossos pés com as ruas ilustradas com mitos, referências náuticas e datas de descobrimentos em empedrados artísticos. Mas a acrescentar aos temas marítimos há flores ("mar de rosas", chamam os lisboetas à paisagem da utopia) e esse mar e essas flores que pisamos na nossa descoberta da cidade aparecem-nos também nas fachadas de azulejo das residências *modern art* ou *art deco* que nos calham em caminho.

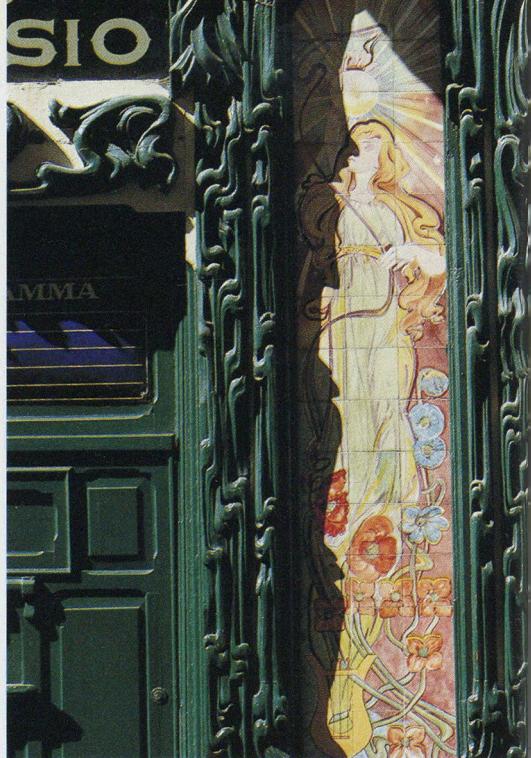
Ladrilhos vidrados com séculos de tradição, os azulejos de Lisboa surpreendem logo a seguir o visitante que viaje de metropolitano. De paragem em paragem, de corredor em corredor, apresentam-se em painéis assinados por alguns dos maiores pintores portugueses contemporâneos, e isso é uma outra face da cidade, uma visão subterrânea que se afirma estreitamente comprometida com a Lisboa que lhe está por cima. Em vez



6



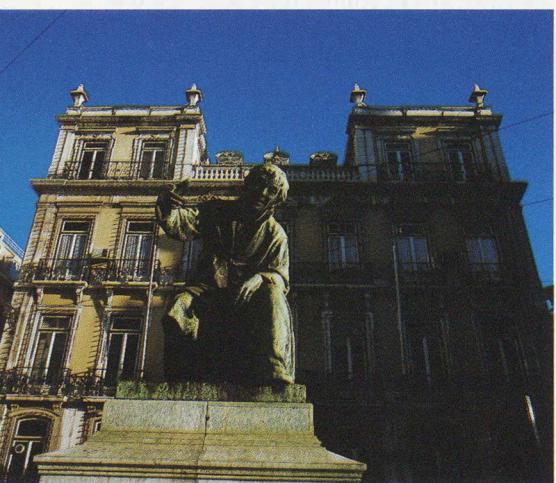
7



8

**6., 7. 8.**  
Pormenores de painéis de azulejos na  
Rua D. Pedro V, S. Paulo e Animatógrafo  
Details of the tile panels on D. Pedro V Street,  
S. Paulo and Animatógrafo

**9. Estátua do Poeta Chiado**  
Statue of the poet Chiado who gave his name to  
the square where it was erected



9

dum caminho cego, este *art metro* é um percurso habitado por personagens de murais, por esculturas de pedra e por legendas de poetas. Algures (na estação do Alto dos Moinhos) é possível encontrar um Museu da Música e eventualmente assistir, até, a um pequeno concerto público; mais adiante (estação de Entrecampos) deparamos com uma Biblioteca Universal em pedra lavrada; e numa central de correspondências, descobrimo-nos a circular pelo meio dumha exposição de posters, de objectos artesanais ou de fotografias de arte. A fechar o roteiro fica a Estação do Oriente, em plena Expo'98. É precisamente neste lugar que o Tejo se alarga e se transforma no maior estuário da Europa. Aqui estas águas de muita História sabem já a mar e a destino atlântico (Mar da Palha, é o seu nome) e também por isso nos parece ainda mais certo que, situada na margem delas, a Expo'98 tenha escolhido como tema Os Oceanos que prolongaram o universo do passado e conduziram à novíssima *Imago Mundi* que ali se está a exibir. Contornando a cidade, Tejo abaixo, o que deslumbra e jamais esquece é a Praça do

Comércio onde acostam os *ferry-boats* que a ligam à margem sul. Com o seu arco triunfal e a estátua do cavaleiro verde a enfrentar um alvoroço de gaivotas, esta é a praça mais lisboeta que alguma vez se imaginou. Antes de mais nada porque, na sua geometria aberta ao rio, se configura como porta de honra da cidade e como um *hall* popular onde diariamente desembarcam milhares de trabalhadores que habitam na outra margem; depois porque, como traçado de elegância e inteligência, é um exemplo emblemático da admirável arquitectura portuguesa que reconstruiu a capital a seguir ao terramoto de 1755; e finalmente porque é ali que se encontra o Café Martinho de que Fernando Pessoa fez morada para meditar e descrever em poesia e em desassossego a sua Lisboa de todos nós.

Lá no alto, por trás deste refúgio e desta Praça, fica a colina do Chiado onde o poeta nasceu e onde permanece ainda hoje, em bronze escuro e em tamanho natural, sentado na esplanada do café A Brasileira que também frequentou em vida. Passeio de elegantes, arquipélago de tertúlias, este



10



11



12



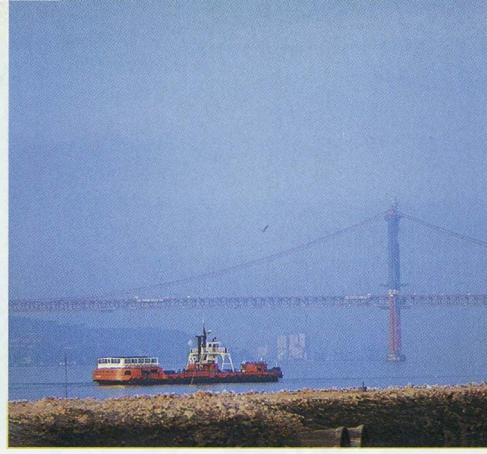
13

**10., 11., 12.,  
Pormenores de calçadas típicas lisboetas**  
Details of typical cobblestone pavement in Lisbon

**13. Vista de Lisboa, com a Sé ao centro**  
View of Lisbon, with the Cathedral in the centre

**14. Ponte 25 de Abril e um dos tradicionais  
cacilheiros**  
The 25 of April bridge and one of the traditional  
cacilheiros

**15. Lisboa vista do rio**  
Lisbon seen from the river



14

**16. Estátua do Poeta Luís de Camões  
no Largo com o mesmo nome**  
Statue of the poet Luis de Camões in the square  
of the same name

**17. Terreiro do Paço**

**18. Escadas, escadinhas e gradeamentos  
mais ou menos elaborados fazem parte  
da paisagem na cidade**  
Stairways and more or less decorated railings  
make up part of the cityscape



15

**19. Jardim Botânico**  
Botanical Garden

**20. Elevador da Glória**  
Glória funicular

**21. Elevador de Santa Justa**  
Santa Justa Elevator

bairro foi até há pouco um *ex-libris* das artes e das letras portuguesas. Camões, príncipe dos clássicos, encontra-se em monumento maior num largo coroado de pombras; a dois passos dele está o teatro de ópera São Carlos e logo adiante o Grémio Literário com a sua solenidade de clube privado, os seus salões *fin-de-siècle* e a sua varanda sobre o Tejo.

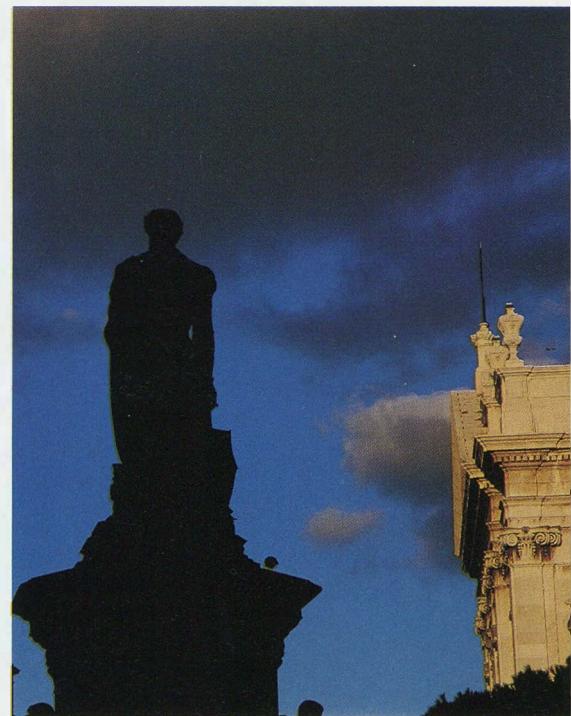
O Tejo, sempre o Tejo. Cais da Expo'98, docas e armazéns, navios de longo curso, restaurantes, discotecas; o pescador eterno a meditar a linha de água. O Tejo, pois. Do Tejo nasceu esta cidade. Como uma concha aberta à beira dele, a Lisboa antiga, rodeada de colinas, cintila num colorido enigmático. Cidade branca, conforme lhe chamou o filme de Alain Tanner? Ou azul, azul marinho, como a pintou um dia Vieira da Silva? Gabriel Garcia Marquez viu-a em tons nostálgicos, repousados; Jean Paul-Sartre disse-a crepuscular. Mosaico de todas as cores, chamou-lhe António Tabucchi, mas na verdade, mais do que a cor, o que a torna perturbadora é a luz em que ela se envolve.

Exacto, a luz que de momento a momento dá a cada cor uma nova expressão – o milagre é esse. E para o apreciarmos em beleza, nada melhor do que atravessarmos o rio e assistir dali ao descair do dia sobre a cidade. Entre o meio dia e o pôr-do-sol sentimo-nos perante um cenário de perfis que se movimentam em tonalidades quase imperceptíveis onde o antigo e o moderno se conjugam entre si numa unidade de expressões quase mágicas.

Num dia em que o traço da luz se suspenda um só instante entre o sol e o anoitecer, talvez que um dia possamos ouvir – quem sabe – um célebre fado marinheiro a segredar à flor do Tejo como uma canção de embalar:

“Se uma gaivota viesse  
trazer-me o céu de Lisboa  
no desenho que fizesse  
nesse céu onde o olhar  
é uma asa que não voa,  
esmorece e cai no mar...”

Então, sim. Seria o coração de Lisboa a chamar-nos à sua beleza mais íntima e mais sentida.



16



17



18



19

THROUGH

THE EYES OF...



# LISBON

# THE NAVIGATING CITY

photography Jorge Barros



PHOTOGRAPH BY JORGE BARROS 22

José Cardoso Pires



21

## Brief Biography:

José Cardoso Pires (1925) has a degree in Higher Maths from the Science Faculty, and was the literary director of several publishing houses, as well as being assistant editor of the *Diário de Lisboa* newspaper (1974-75). He was a reader in Portuguese literature at King's College London (1969-71), and returned as a Resident Writer ten years later. From then on he has been exclusively dedicated to writing.

Among other works, we may highlight *Os Caminheiros e Outros Contos* (1949), *Jogos de Azar* (1963), *O Delfim* (1968), *The Ballad of Dogs' Beach* (1982) and his chronicles and memoirs *De Profundis*, *Valsa Lenta* (1997) and *Lisbon, Log-Book* (1997).

He was awarded the Fernando Pessoa prize in 1997.

José Cardoso Pires, a leading figure in recent Portuguese literature, is also a person with a great knowledge of Lisbon and someone who is one of its most brilliant story-tellers. He has once again accepted *Atlantis*'s invitation to write about Lisbon and reveal its soul, only partially, as *The Navigating City* only whispers and only those who are initiated can hear it...

Follow Cardoso Pires' indications and then get to know it up close, losing yourself in its charm...

In the Lisbon of my childhood there were dolphins gliding down the Tagus. Within their measured leaping, so went the legend, they were on their way to the oceans, in order to dance around the Portuguese sailors from five centuries ago who were floating beneath the surface of the water, holding up glimmering crucifixes in the places where they had been shipwrecked on their vessels loaded with gold and slaves.

Today Lisbon is no longer bordered by dolphins. The pollution of the river has driven them far away. But we may see them in sculptures or in bas-reliefs on the fountains in the old town, in the public parks and gardens, in the Rossio square, which for over a century was the scene for gatherings of poets and conspirators, or in the Alameda Afonso Henriques where great political demonstrations take place today. We see them above all in drawings made stone by stone on the white of the paving of the streets, as if they were tattoos on the body of a sleeping sailor.

Within this lace-work of artistic pavements which we travel through in our steps there are also figures of mermaids, compasses and astrolabes, of anchors, tritons and

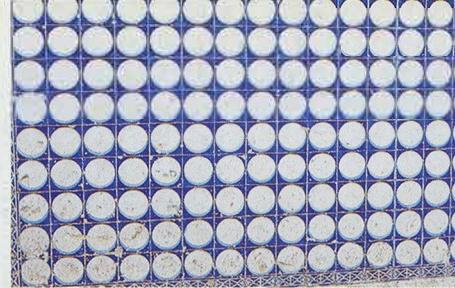
other symbols of the sea, even the coloured points of the compass at the edge of the Tagus, in front of the remarkable Hieronymite Monastery where the Admiral Vasco da Gama knelt before leaving for his discovery of the Sea Route to India.

Lisbon, the Capital of Ulysses, the quay of Europe or gateway to the Atlantic; seen from the belvederes of its hills, it seems to be resting on a Tagus which, more than a river, appears to us as a sea and is an invitation to point towards the oceans. It is an anchored city opening up at our feet with its streets illustrated with myths, nautical references and dates of discoveries in artistic stonework. But in addition to the maritime themes there are flowers (the Lisbon people call the Utopian landscape "a sea of roses") and this sea and these flowers which we tread upon in our discovery of the city also come to us in the tile-covered façades of the modern art or art deco residences which appear on the way.

The azulejos, glazed tiles with a tradition dating from centuries ago, will immediately surprise the visitor who travels on the underground railway. From station to station, from corridor to corridor, they appear in panels which have been designed



23



24



25



26

**22. Miradouro de Santa Catarina**  
Santa Catarina's Belvedere

**23. Painel de azulejos, pormenor, Mercês**  
Tile panel, detail, Mercês



27

**24. Painel de Azulejos em Alfama**  
Tile panel in Alfama

**25. Pormenor de fachada, Casa dos Bicos**  
Façade detail, Casa dos Bicos

**26. Ruínas do Convento do Carmo**  
The ruins of Carmo Convent



28

**27. Porto de Lisboa**  
Port of Lisbon

**28. Vendedora de castanhas**  
Chestnut seller

by some of the most important contemporary Portuguese artists, and this is another aspect of Lisbon, a subterranean vision which is strictly in accord with the Lisbon which is above it. Instead of a blind pathway, this metro art, inhabited by characters, mural figures and stone sculptures and legends of poets. Somewhere (in the Alto dos Moinhos station) it is possible to find the Museum of Music and we may even attend a small public concert; further on (the Entrecampos station) we come across a Universal Library in stonework; and in one of the connecting halls we find ourselves circulating within an exhibition of posters, of handicraft or artistic photographs. Ending the tour there is the Orient Station, within Expo'98 itself.

It is precisely in this place that the Tagus opens up and becomes the greatest estuary in Europe. Here these waters steeped in History now have a taste of the sea and of the Atlantic destiny (its name is the Sea of Straw), and it is also for this reason that it seems to us all the more fitting that, in being located on their banks, Expo'98 has chosen *The Oceans* as its theme, oceans which prolonged the universe of the past and led to the extremely new *Imago Mundi* which it is exhibiting.

Going around the city down the Tagus, that which stands out and is unforgettable is the Praça do Comércio square, where the ferry-boats which connect Lisbon to the south bank land. With its triumphal arch and the statue of the green horseman facing a flock of seagulls against a blue background, this is the most Lisbonian square one could ever imagine. Firstly because, in its geometry

open to the river, it appears as a port of honour for the city and as a popular hall into which every day disembark thousands of workers who live on the other bank; then because, as a layout of elegance and intelligence, it is an emblematic example of the noteworthy Portuguese architecture which rebuilt the city after the 1755 earthquake; and finally because it is here where one may find the Café Martinho, which Fernando Pessoa made his second home in order to meditate and describe in poetry his Lisbon which belongs to all of us.

High up, behind this refuge and this square, there is the Chiado Hill, where the poet was born and where he remains to this day, in life-size dark bronze, sitting on the terrace of the A Brasileira café, which he also used to frequent when he was alive. This neighbourhood, a promenade for the elegant, an archipelago of literary gatherings, was until recently the high-point for the Portuguese arts and letters. Camões, the prince of the classics, can be found in a larger monument in a square populated by pigeons; a couple of steps away there is the São Carlos opera house, and further on there is the Literary Guild with its serenity as a private club, its *fin-de-siècle* halls and its balcony over the Tagus.

The Tagus, always the Tagus. The Expo'98 quay, docks and warehouses, long haul ships, restaurants, discotheques; the eternal fisherman meditating the water line. The Tagus, this city was born of the Tagus. Like an open shell at its edge, the old Lisbon, surrounded by hills, glitters within an enigmatic set of colours. The white city, as it was called in a film by Alain Tanner? Or

blue, sea-blue, as it was once painted by Vieira da Silva? Gabriel García Marquez saw it in nostalgic, relaxed tones; Jean-Paul Sartre said it was crepuscular. António Tabucchi called it a mosaic of all colours, but in fact, more than colour, that which makes it disturbing is the light in which it is enveloped.

Exactly, the light which from one moment to the other grants each colour with a new expression, that is the miracle. And for us to appreciate it fully, there is nothing better than crossing the river and watching the fall of the day over the city. From midday until sunset we feel as if we are in the presence of a scenery of profiles which move within almost imperceptible tones in which the old and the modern come together in a unity of different expressions.

On a day in which the outline of the light is momentarily suspended between sunlight and nightfall, we might one day be able to hear a famous sea fado whispering over the Tagus like a lullaby:

“If a seagull came by  
to take me to the Lisbon sky  
in the outline it made me  
on this sky in which the eye  
is a wing which does not fly,  
but withers and falls into the sea...”

Then, yes! This would be the heart of Lisbon calling us to its most intimate and heartfelt beauty.

Translation David Alan Prescott

**A**MARGEM DA PAISAGEM E DOS MONUMENTOS QUE OS MAPAS DO TURISMO NOS APONTAM, HÁ LUGARES ONDE O ESPÍRITO LISBOETA SE REVELA EM EXPRESÕES INESPERADAS.

### UM ELÉCTRICO CHAMADO LISBOA

Antes de mais nada, uma saudação aos eléctricos que há cem anos percorrem a cidade em sucessivas versões de cor e de design. Pacientes e populares, treparam colinas, mergulham em labirintos históricos, e tanto se aproximam, cautelosos, dum bloco pós-moderno como desembocam no Bairro Alto que em tempos foi um pesadelo de más noites e é hoje um Soho de restaurantes, de boutiques e retiros de fado.

### O JARDIM DAS AMOREIRAS

Um súbito silêncio de ternura em plena cidade. A dois passos é o labirinto do trânsito sob um céu pesado de ruídos e aqui estamos num sossego de cem anos, rodeados de verde e de pardais.

Cem anos, não exagero. E sem que nos apercebamos, à beira deste jardim está uma galeria de vanguarda dedicada a Vieira da Silva, a pintora que fez de Lisboa uma transfiguração sem data e de leitura universal.

É isso. Quando me sento ali o tempo desmarca-se, perde o peso. Atrás daquelas árvores termina o Aqueduto das Águas Livres que foi construído há mais de dois séculos e que ainda hoje se prolonga a grande altura para longe, longe, da cidade. Penso nessa monumental sucessão de arcos de pedra e recordo a imensidão de mundo que se vê lá de cima, da galeria por onde corre a água. É uma Lisboa muito outra a que se descobre dali. Uma Lisboa quieta mas sedutora até à vertigem.

### CAIS DO SODRÉ

Em vez de cais é uma praça a ocultar o rio que lhe está por trás. Aqui há cabarets da má



## As escolhas de JOSÉ CARDOSO PIRES Os lugares e a voz

The places and the voice

fotografia photography

Jorge Barros

vida e donzelas marinheiras sem cédula de navegação à mistura com marítimos de muitas bandeiras.

Um cais sem água é o que isto parece. Mas há um colorido especial neste lugar. Sempre que por lá passo nunca esqueço o British Bar onde tudo se conjuga num convívio de independência: alunas de *ballet* ou jovens universitários alinhados ao balcão com contrabandistas bem falantes e bebedores de longo curso, gente do comércio e jornalistas em trânsito. Espero que um dia entre por ali dentro o Neptuno a escorrer água, com

**B**EYOND THE SIGHTS AND THE MONUMENTS WHICH THE TOURIST MAPS POINT OUT TO US, THERE ARE PLACES IN WHICH THE LISBON SPIRIT IS REVEALED IN UNEXPECTED EXPRESSIONS.

### A STREETCAR NAMED LISBON

First of all, greetings to the trams which have criss-crossed the city for a hundred years in different versions of colour and design. They are patient and popular, climbing hills and diving into historical labyrinths,

and just as easily carefully approach a post-modern building as they come out into the Bairro Alto, which was once a nightmare of wild nights and today is a Soho of restaurants, boutiques and fado houses.

### THE AMOREIRAS GARDEN

A sudden silence of tenderness in the middle of the city. Two steps away is the labyrinth of the traffic under a sky laden with noises, and here we are in a hundred year old stillness, surrounded by green and sparrows. One hundred years, I exaggerate not. And without us noticing it, next to this garden there is an avant-garde gallery dedicated to Vieira da Silva, the woman painter who made of Lisbon a timeless transfiguration with a universal reading.

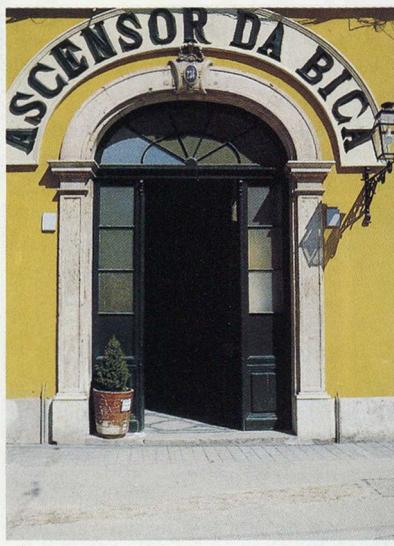
Just that. When I sit down there time is extended, its weight is lost. Behind those trees is the end of the Águas Livres Aqueduct, which was built over two hundred years ago and still today stretches at a great height to far, far from the city. I think of this monumental succession of stone arches and I recall the immensity of the world which is seen from its heights, from the gallery through which the water runs. The Lisbon which one may discover from there is a very different one. A still Lisbon, yet which is infinitely seductive.

### CAIS DO SODRÉ

Instead of a quay it is a square hiding the river behind it. Here there are cabaret bars of ill repute and sea-going maidens without a sea-pass mixed in among seamen from many flags.

A quay without water is what it seems to be. But there is a special colour to this place. Every time I pass through it I never forget the British Bar, in which everything comes together within a sociability of independence: ballet students or young university students lined up along the bar alongside sharp-tongued contrabandists and long-distance drinkers, businessmen and pas-





3



4



5

uma sereia de ouro atravessada no tridente.

#### **OS ASCENSORES**

Lawrence Ferlinghetti escreveu a *Balada dos Ascensores de Lisboa* com um humor inesquecível pela maneira fabular como encarou aquelas máquinas que nos levam ao céu da nossa cidade. Ao lembrar o grande poeta americano, o Elevador de Santa Justa aparece-me ainda mais im-

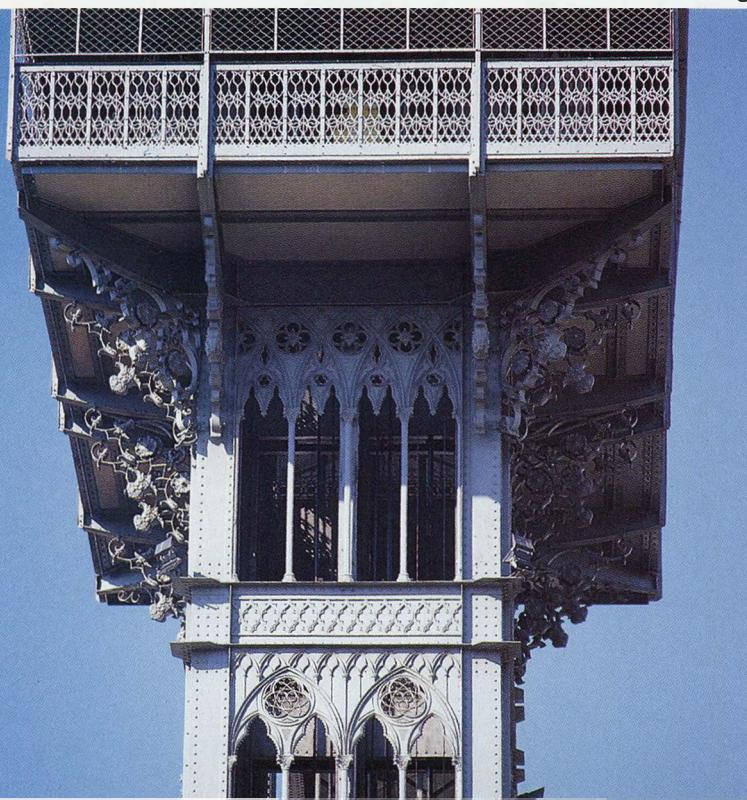
ponente na elegância da sua arquitetura de ferro. No último patamar da sua altura, o mundo para lá do Tejo desdobra-se em fumos e horizontes industriais e isso torna mais confidencial e mais hospitaliera a Lisboa onde nos encontramos. Mas mesmo perante esta extensão do horizonte não esqueço o modesto Elevador da Bica, por ser de todos o mais popular e o mais castiço. Ali cada viagem é

sing journalists. I hope that one day Neptune comes in dripping with water, with a golden mermaid on the end of his trident.

#### **THE ELEVATORS**

Lawrence Ferlinghetti wrote *The Elevators of Lisbon* (*Ballad/Fado*) with unforgettable humour due to the fabled manner in which he dealt with those machines which take us to the skies of our city.

In recalling the great American poet, the Santa Justa Elevator seems to me to be more impressive in the elegance of its iron architecture. From the last floor of its height the world beyond the Tagus unfolds in smoke and industrial horizons, and this makes the Lisbon around us more confidential and hospitable. But even facing this extending of the horizon I also cannot forget the modest Bica Elevator, as it is



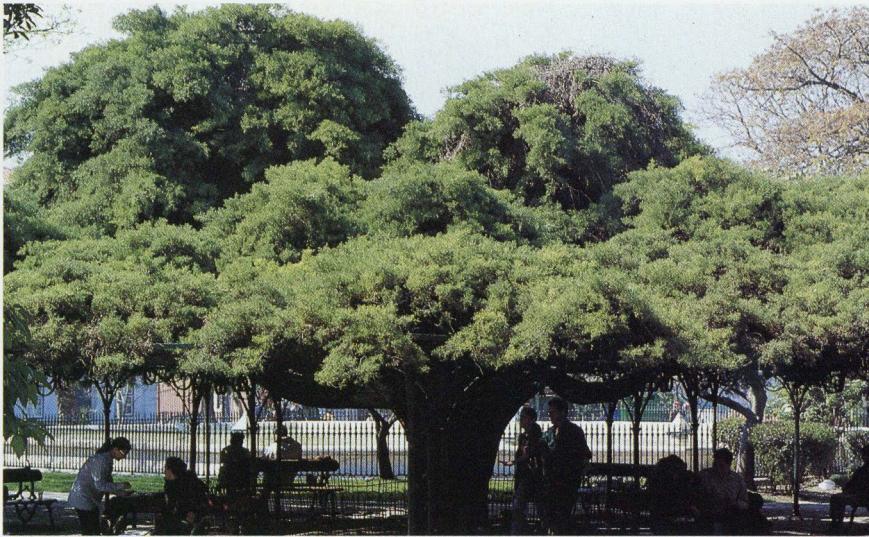
8

...O homenzinho com olhos de [peixe] tomou o famoso elevador de [Monsieur Eiffel para subir e baixar e baixar e subir mas enganou-se no botão obedecendo aos arquivos da cidade e desceu e desceu em vez de subir até ao inferno do senhor Dante e nunca mais se soube dele e nunca mais tornou a ser visto o homenzinho com olhos de peixe desapareceu para todo o sempre apesar de haver ainda um estranho odor a peixe morto em certos dias...

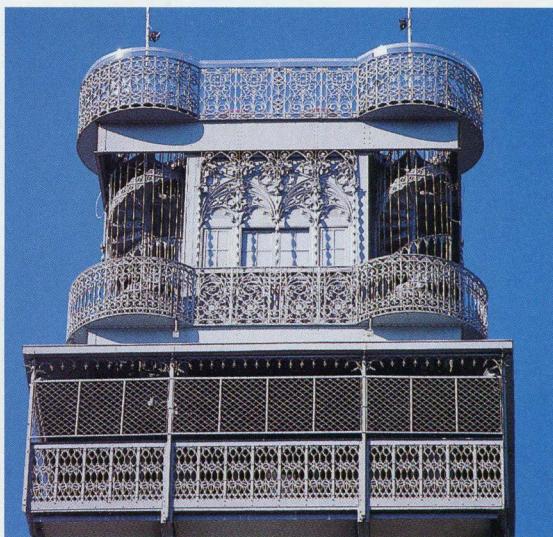
Lawrence Ferlinghetti  
*Os Elevadores de Lisboa*

*... this little man with the fishy eye took Monsieur Eiffel's famous elevator to go up and down and down and [up but he pressed the wrong button (as is recorded in the annals of the [City) and went the wrong way and went down and down instead [up and up and down and down and down straight into Signore Dante's Hell and was never heard from again and never seen again this little man with the big fishy eye disappeared for ever and ever although there is still a strange smell of dead fish on certain days...*

Lawrence Ferlinghetti  
*The Elevators of Lisbon*



6



7

uma festa através de ruelas e escadarias, com gente à janela e roupa a secar ao sol nas varandas.

### **PRÍNCIPE REAL EM CASINO ABERTO**

Outro jardim, outra Lisboa. O do Príncipe Real que se tornou célebre pela majestosa árvore maternal que o protege com a sua sombra secular. Aqui os velhos da cidade ocupam os bancos onde antes se sentavam

os namorados. Espreitando o tempo por entre o Outono e a Primavera, estes lisboetas encerrados em memórias e reumático saltam das tocas ao primeiro golpe de sol e montam banca de jogo nos recantos de relva e de sombra. São dezenas e dezenas, distribuídos em grupos à volta do baralho de cartas. Em vez de flores e de mariposas, o jardim do Príncipe Real ilumina-se de ases e de trunfos em mãos de muita sabedoria.

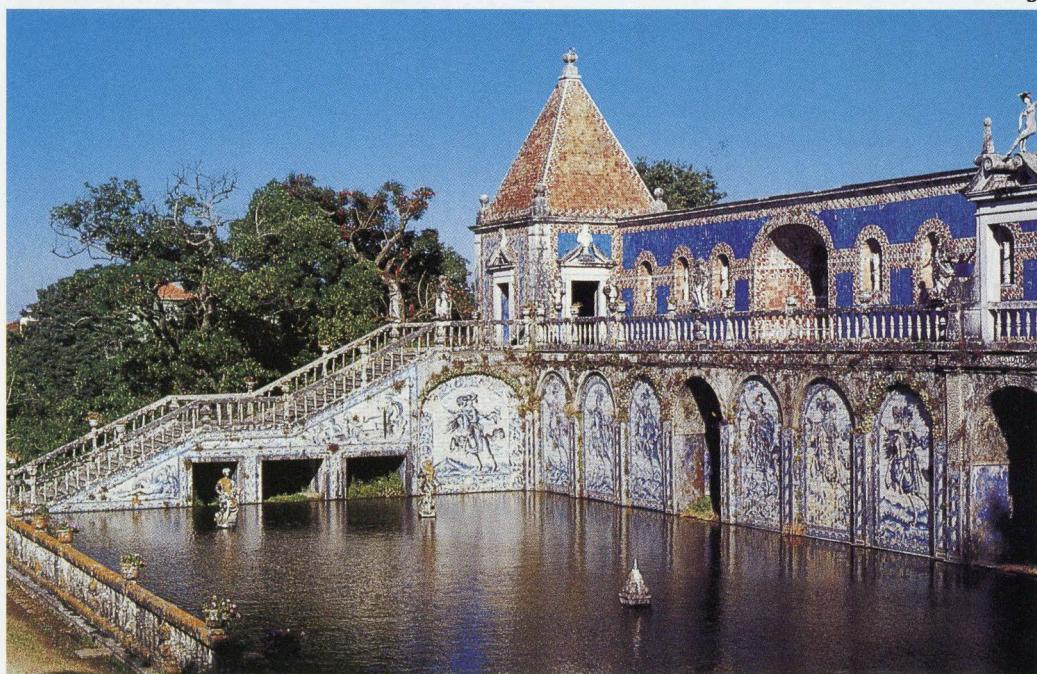
the most popular and most genuine one. Here every trip is a party through back streets and steps, with people at their windows and clothes drying in the sun on the balconies.

### **PRÍNCIPE REAL IN AN OPEN CASINO**

Another garden, another Lisbon. That of the Príncipe Real, which became famous due to its majestic maternal tree which

protects it with its hundred year-old shade.

Here the old people of the city now occupy the places where there used to be courting couples. Glancing at the weather between Autumn and Spring, these old Lisbon dwellers locked in memories and rheumatism will immediately spring from their lairs at the first sight of sunshine and they set up camp in the corners of grass and shade.



9



10



11



12

**1. A cidade: a Sé e a luz que as palavras não captam**  
The city: the Cathedral and the light that words cannot capture

**2. Repuxo no Jardim das Amoreiras**  
Fountain in the Amoreiras Garden

**3., 4.**  
**Ascensor da Bica**  
Bica funicular

**5., 6.**  
**Jardim do Príncipe Real: Árvore-mãe e jogadores de ocasião**  
Garden of Príncipe Real

**7., 8.**  
**Elevador de Santa Justa**  
Santa Justa Elevator

**9., 10., 11., 12.**  
**Palácio Fronteira e pormenores de painéis de azulejos**  
Palácio Fronteira and details of tile panels

## O PALÁCIO FRONTEIRA

Longe, longe, em São Domingos de Benfica, há um palácio a não perder. Nas ousadias e na arte que contém é peça única na arquitectura europeia: entra-se nele e fica-se numa estranha suspensão perante as enormes figuras dos painéis de azulejo que se alinham na frontaria assente sobre um enorme lago e por todas as salas e pavilhões nobres sentimos uma atmosfera de história e de memórias lendárias. Esculturas, trabalhos de mestres pintores, miniaturas, tudo isso.

Mas são os azulejos que dominam este paraíso habitado. Sobretudo os azulejos dispersos pelo jardim onde as personagens estão figuradas com rostos de macacos ou gatos palacianos. A sombra das árvores e diante de repuxos descobrimos monos com seios de mulher, gatos humanos, cadelas-sereias a brincar com anjos e, se desviarmos o olhar, uma Vénus de mármore a bailar no relvado. A fábula e o mito, algures num lugar selecto da capital de Ulisses.

## O FADO, A VOZ DA CIDADE

Como Buenos Aires com o tango, Lisboa é uma das raras capitais que criou uma canção que

lhe é exclusiva e que reflecte as singularidades do seu mundo sentimental: o fado.

Fado/factum/destiny. Canção do fatalismo, diziam os antigos. Nascido da boémia de taberna e de amores sangrentos, o fado de hoje tem outro espírito e outra dimensão. Continua rigoroso no tom lisboeta que lhe está na alma, mas desde Amália Rodrigues ganhou universalidade e chamou a si a poesia portuguesa contemporânea.

Assim, o fado é um todo cultural, uma voz personalizada que, acompanhada à guitarra e à viola, ganha um impeto de arrogância e uma suspensão que se prolonga em ternura. No fundo, tudo isto vem da sintaxe e do tom mais legítimo do homem de Lisboa.

Indiscutível: o fado é uma voz da paisagem. Ouvindo Carlos do Carmo o que ele nos descreve, fado a fado, é toda a Lisboa, toda. E nesse mesmo espírito de lugar se inscrevem o tradicionalismo de João Braga e a oratória magoada de Argentina dos Santos. Daqui a

Teresa Silva Carvalho ou ao fado sofisticado de Mísia é Lisboa que se nos conta a vários tons em confissão de sentimento.

There are dozens and dozens of them, spread out into groups around packs of cards. Instead of flowers or butterflies, the Príncipe Real Garden is illuminated with aces and trumps held in very wise hands.

## THE FRONTEIRA PALACE

Far, far away, in São Domingos de Benfica, there is a palace which can't be missed. It is a unique work in European architecture in its boldness and in the art which it contains: one enters and is left strangely suspended when facing the enormous figures on the painted tile panels which are lined up on the frontispiece set above an enormous lake; and throughout all of the noble rooms and pavilions we feel an atmosphere of history and legendary memories. Sculptures, works by master painters, miniatures, all of this.

But it is the azulejo tiles which dominate this inhabited paradise. Especially those spread around the garden in which the figures are depicted with the faces of monkeys or palace cats. In the shade of the trees and in front of the fountains we come across monkeys with the breasts of a woman, human cats, mermaid dogs playing with angels and, if we turn our gaze away, a marble Venus dancing on the grass. Fable and myth, somewhere in a select place in the capital of Ulysses.

## FADO, THE VOICE OF THE CITY

Like Buenos Aires with the *tango*, Lisbon is one of the rare

capitals which has created a song which is exclusive to it and which reflects the singularities of its sentimental world: the *fado*.

*Fado/factum/destiny*. The song of fatalism, it used to be said. Born of bohemian life in taverns and of violent love-affairs, today's *fado* has a different spirit and a different dimension. It remains strictly within the Lisbon tone which is at its soul, but since Amália Rodrigues achieved universality and brought Portuguese contemporary poetry into it.

Thus *fado* is a cultural whole, a personalised voice which, accompanied by the guitar and the Portuguese guitar, takes on an impetus of arrogance and a suspension which are prolonged into tenderness. Deep down, all of this comes from the most legitimate syntax and tone of the Lisbon people. Indisputable: the *fado* is a voice of the landscape. Listening to Carlos do Carmo, what it describes us, from *fado* to *fado*, is the whole of Lisbon. It is this same spirit of the place which involves the traditionalism of João Braga, and the hurt oratory of Argentina dos Santos. From this to Teresa Silva Carvalho or to the sophisticated *fado* of Mísia there, it is Lisbon which comes to us in several tones, within a confession of sentiment.

Translation David Alan Prescott